

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ANGUSTIAS DE UM ESTÁGIO SUPERVISIONADO.

Francisco Gabriel da Silva

Universidade do Estado do Rio do Norte (Uern), Campus Avançado Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). E-mail: gabriel_sylvie@hotmail.com.

Resumo: A partir de reflexões propiciadas no estágio supervisionado, este trabalho reflete sobre a modalidade da educação básica de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O surgimento da necessidade de pensar a EJA se dá através do componente curricular Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia II, do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no Campus Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). As inquietações aqui apresentadas nos faz refletir sobre a EJA enxergando as contradições e ambiguidades presentes nesta modalidade de ensino, que se mostra complexa. As ideias aqui assentadas contam com as contribuições de Serra (2013), Ciavatta e Rummert (2010), Khaoule (2012), Pioconez (2012) e Arroyo (2011). Juntamente com as experiências e reflexões do estágio supervisionado, auxiliam como pesquisa e reflexão para a construção deste trabalho, que tem por objetivo pensar a EJA e relatar as experiências de estagiar em uma turma de EJA, ainda que em uma pesquisa inicial. As análises aqui assentadas nos faz pensar que os problemas referentes a escolarização de jovens e adultos enfrentam um descompasso, tendo em vista as ações governamentais que ainda omitem a responsabilidade social e inclusiva que a educação tem ou deveria ter, assim como a acomodação da sociedade civil que acaba por contribuir para o quadro de injustiça social. De tal modo, somos conhecedores que a educação exige lutas e conquistas contínuas. Sem dúvida é necessário nestas lutas pautar a educação de jovens e adultos. A modalidade de ensino da EJA. É preciso ousar e melhor pensar essa modalidade de ensino, para que se possa construir uma educação de luta dos trabalhadores. Comprometendo-se com a importância de destinar aos alunos, entre eles os alunos da EJA, a emancipação humana, dando um caráter libertador para os jovens e adultos que buscam a escolarização.

PALAVRAS CHAVES: Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação, Estágio.

Introdução

O estágio se apresenta como uma ação muito pertinente na formação docente e que tem muito a repercutir a respeito dessa formação. Se conduzido de forma correta apresenta-se como importante ferramenta de reflexão e análise do cotidiano escolar, que é um significativo instrumento de pesquisa daqueles que fazem licenciatura e trilham os caminhos da educação.

Portanto, embutido de reflexões propiciadas no estágio supervisionado, se buscará neste trabalho refletir sobre o sistema de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O surgimento da necessidade de pensar a EJA se dá através do componente curricular Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia II, do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no Campus Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). Assim logo se vê que as discussões postas aqui não advêm de um profissional

da ciência da educação: a pedagogia. A discussão é tomada por um graduando em Geografia, que por fazer licenciatura e pensar educação, vê a necessidade de estudar o sistema de ensino, os programas deste sistema e os problemas que estão aliados a ele.

Podemos enxergar aqui a importância dos estágios nas licenciaturas, uma vez que podem suscitar inquietações nos estagiários, como a que foi provocada a respeito da EJA e que nesta ocasião virá a ser pensada.

O estágio necessita ser levado com cautela e tomado como algo importante na formação docente. Necessitando ultrapassar a concepção deste enquanto componente curricular obrigatório na grade de um curso de licenciatura e caminhar para o seu entendimento enquanto uma experiência inseparável ao percurso daqueles que aspiraram tornar-se professores. Atestando isso Khaoule (2012, p.57) diz:

O estágio supervisionado e a prática de ensino são componentes curriculares significativos nos cursos de Licenciatura. Deveriam ser considerados como instrumento fundamental na formação profissional pela sua importância e em proporcionar aos futuros professores além de conhecimentos sobre do espaço escolar, das relações que nele se constituem, possibilita ao aluno uma experiência da atividade docente. No entanto, esses segmentos são muitas vezes realizados apenas por um cumprimento curricular.

A mesma autora citada acima (2012, p.58) vê o estágio “como um componente curricular e como campo do conhecimento que envolve reflexão, produção dos conhecimentos e intervenção”. É nesse contexto em que é possibilitado enxergar o estágio além de sua dimensão curricular de caráter obrigatório nos cursos de licenciatura. Logo não se pode reduzir o estágio a experiência de observar e/ou ministrar aulas. Deve-se levar em consideração a reflexão que este nos proporciona, além disso, mais que refletir, o estágio nos possibilita atuar e intervir no espaço escolar, esse meio social tão importante ao qual o ensino se processa.

Diante disso, já conhecendo o caráter importante que o estágio assume na formação dos profissionais da educação, nesta ocasião não se limitará a abordar “o estágio”. Se ressaltará “as experiências do estágio”, mas precisamente as angustias de se estagiar em uma turma da EJA, as dificuldades encontradas nesta turma, assim como a reflexão a respeito da Educação de Jovens e adultos de maneira mais geral.

As ideias aqui assentadas contam com as contribuições de Serra (2013), Ciavatta e Rummert (2010), Khaoule (2012) Pioconez (2012), Arroyo (2011). Juntamente com as experiências e reflexões do estágio supervisionado, auxiliam como pesquisa e reflexão para a

construção deste trabalho, que tem por objetivo pensar a EJA e relatar as experiências de estagiar em uma turma de EJA, ainda que em uma pesquisa inicial.

Reflexões sobre a EJA

Na tentativa de elevação da escolaridade brasileira, nos últimos anos ocorreu o surgimento de políticas educacionais com diversos programas e projetos. Neste contexto, a EJA, assim como outros programas e políticas educacionais se configura como uma ferramenta que visa solucionar problemas. Neste caso a problemática de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola regular, ou não se encontram mais aptos a frequentar o ensino regular. O reconhecimento da EJA como modalidade da educação assim como as políticas aplicadas a essa modalidade de ensino são consideradas recentes, ao mesmo tempo em que já apresentam uma amplitude em seus projetos nos últimos anos. Serra (2013) nos atesta a realidade da EJA, mencionada anteriormente:

Desde o reconhecimento da EJA como modalidade da educação básica, em 1996, com a promulgação da LDB, passou-se de uma realidade desoladora em função da falta de políticas educacionais para a área de um contexto em que são muitos os projetos e programas governamentais oferecidos a jovens e adultos trabalhadores. Dentre os diferentes programas implementados pelo governo federal desde 2003, destacam-se o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem) em suas diferentes modalidades – Projovem Urbano, Projovem Campo, Projovem Adolescente e Projovem Trabalhador –, o PROEJA e o recém-criado Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e profissional de jovens e/ou adultos. [...] (SERRA 2013, p.152-153).

Falar de educação é falar de algo social. Não podemos ficar refletindo sobre lógicas e estratégias educacionais sem nos posicionarmos enquanto sujeitos sociais, entendendo as políticas que compõe este âmbito e que se configuram na sociedade de diversas formas. Como já mencionado e entendendo a EJA como ferramenta de intervenção de um problema social que é a educação de jovens e adultos, é quase que exigente compreender essa modalidade de ensino sobre a ótica de suas qualidades positivas e negativas. Hoje há a existência de muitos projetos e programas, mas concentrados em uma quadro educacional frágil, apresentam pouca qualidade e função enriquecedora para os seus beneficiários. Ciavatta e Rummert (2010) nos falam a respeito das ofertas educacionais e para onde elas convergem:

Ao nos referirmos a esse amplo conjunto de ofertas, faz-se necessário sublinhar que a diversidade de programas hoje em curso não supera as

(83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br

desigualdades de nosso fragmentado quadro educacional, mas ao contrário, as acentua. Assim, a ausência de oferta, característica do século anterior, é substituída por uma ampliação expressiva de oportunidades de acesso a cursos que, embora diferenciados, guardam como ponto comum, no mais das vezes, as características que irão convergir para o que Kuenzer denominou de “certificação vazia”. (CIAVATTA e RUMMERT, 2010, p. 463).

Torna-se fácil colocar jovens e adultos, alguns deles trabalhadores, enfileirados em salas de aula, estimulados a estarem ali pela oferta de diplomas que lhes são merecidos. Mas não é fácil lhes dar oportunidade de uma boa formação profissional, de emancipação de trabalhadores e sujeitos sociais, enquanto estudantes serem capazes de competir por vagas nas universidades e seguirem um promissor futuro acadêmico. Mas como propor tais oportunidades? Se escolarizando por meio de cursos aligeirados, sem acesso pleno aos conteúdos escolares, em programas de pouca abrangência e sem políticas educacionais permanentes.

Por vezes os alunos de EJA se situam em programas de formação profissional frágil e que visam cobrir a necessidade de mão de obra em alguns setores da economia, o que pode ser algo bom, porém, quando analisado na ótica de que essa formação não contribui de forma efetiva para a emancipação profissional e social dos sujeitos. Temos uma formação onde se favorece acumulação do capital, criasse uma efemeridade das relações de trabalho e como já reportaram Ciavatta e Rummert, tudo isto da sentido na expressão “Certificação Vazia”.

Paulo Freire já nos fazia pensar a respeito da educação de jovens e adultos e nos inspirava entender esta para além da escolarização. Os processos educativos desta categoria devem englobar a formação humana dos sujeitos. Aqueles que buscam a EJA, não necessitam apenas escolarizar-se, eles necessitam de políticas públicas, enquanto sujeitos portadores de tensões sociais, escolarizar-se torna-se sinônimo de formação humana, se torna uma forma de melhorar sua qualidade de vida, sua comunicação e relação com o mundo. Piconez (2012) atesta isso dizendo:

As expectativas de cidadania dessa população estavam voltadas à conquista de trabalho melhor e à melhoria da qualidade de vida e da comunicação. A dimensão cartorial (diploma) mais frequentemente nos alunos das séries iniciais ia sendo substituída pela expectativa e pela necessidade de recuperação da auto estima e pelo desejo de conquista de mais conhecimento do mundo e do seu trabalho. (PICONEZ, 2012, p.95).

A passagem de Piconez nos mostra a seriedade da educação de jovens e adultos, que não possuindo mais a obrigatoriedade com os estudos perante a lei, se comprometem com

esse a partir da responsabilidade e por questões de sobrevivência. Sobrevivência esta que não tem caráter fisiológico, mas social e de cidadania.

A EJA talvez nem sempre tenha tido seu papel bem definido ao longo da história, a falta de preocupação com esta modalidade de ensino só acentua seus descompassos que ainda hoje são sentidos. Arroyo (2011) nos relata isso:

Talvez uma característica marcante do movimento vivido na EJA seja a diversidade de tentativas de configurar sua especificidade. Um campo aberto a qualquer cultivo e sementeira será sempre indefinido e exposto a intervenções passageiras. Pode-se tornar um campo desprofissionalizado. De amadores. De campanhas e de apelos a boa vontade. Um olhar precipitado nos dirá que talvez tenha uma das marcas da história da EJA: indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções conjunturais. (ARROYO, 2011, 19-20).

Ao enxergar isso nos damos conta que a EJA nem sempre se configurou como um campo específico de responsabilidade do Estado, e as políticas para esse ensino se torna algo presente. Imbuídos deste contexto é que podemos partir para a reflexão a respeito da direção que as políticas da EJA tomam ou deveriam tomar. A preocupação com a educação de jovens e adultos precisa se fazer presente e mais do que isso, necessita ser idealizada com zelo e inquietação.

Análise e reflexão sobre a experiência de estagiar em uma turma de EJA.

O estágio se deu na Escola Municipal José Porto de Queirós, no município de Itaú-RN. A categoria de ensino deste estágio era de regência no ensino fundamental dos anos finais e a turma escolhida foi um 9º ano da modalidade EJA. A escola conta com essa única turma de EJA, que foi introduzida na escola com o objetivo de alocar os alunos que estavam fora da faixa etária do ano de ensino em que estavam inseridos, ou seja, os alunos possuíam idades que não correspondiam aos anos em que deveriam estar, quando se considera a idade padrão e ideal para cada ano de ensino. Portanto tendo em vista a existência da distorção idade/série na escola a implantação da EJA é uma das medidas usadas na escola para tratar tal problema.

Os alunos desta turma estudam dois anos de ensino em um ano letivo, o ano é dividido em dois semestres, onde no primeiro semestre estes alunos estudam o 8º ano e no segundo semestre é estudado o 9º ano. Em ambos os semestres é utilizado um livro didático que contem todas as disciplinas a serem cursadas e que foi elaborado especificamente para a EJA, já delimitando os conteúdos, tendo em vista que precisam ser reduzidos em virtude do curto

tempo de ensino. Por sua vez os professores que lecionam na EJA são aqueles que já trabalham na escola com as demais turmas de ensino regular.

Quais as inquietações deixadas no estagiário? Qual a experiência consentida pela turma de EJA? Tornou-se comum as más falas dos estagiários a respeito do sistema de ensino, do contato com as escolas, as experiências com indisciplina por parte dos alunos, dentre outros problemas sociais que se materializam na escola. Mesmo conhecendo as falas e tendo vivido as experiências mencionadas o contato com a turma resultou em muitas angustias que fizeram pensar e questionar a respeito desta modalidade da educação: a EJA.

Os professores da escola mencionavam: “as avaliações para a EJA tem que ser fáceis”; “o rendimento da turma não é igual ao das demais”; “não se pode aplicar muitos conteúdos, temos que acompanhar o ritmo deles”. Todas essas falas não deixam de ser verdade, e não podia um estagiário que a poucos dias colocará os pés na escola questionar professores que acompanhavam aqueles problemas a mais tempo e os tratava de forma direta. Porém não questionar os professores não impediu de se questionar a respeito daquela modalidade de ensino. Por que fazer avaliações fáceis, quando se sabe que o mundo fora da escola não os avaliará de forma fácil? Por que o rendimento da turma não era igual ao das demais se a turma era razoavelmente pequena e acompanhada pelos mesmos professores das outras turmas? Por que abordar poucos conteúdos se as avaliações, se o mundo que os aguardam exigem saberes diversos e uma compreensão de vastos assuntos?

O fato é que não se busca aqui “romantizar” o ensino e/ou dramatizar a respeito deste. Mas diante do rico momento de reflexão propiciado pelo estágio era necessário questionar o que aparentemente já era corriqueiro na escola. Inicialmente aquilo que se processava ali deve ser entendido como um problema que não se criou a pouco, não era daquele momento nem permaneceria naquele momento. Aqueles jovens (embora a turma fosse de EJA, não havia adultos, apenas jovens entre 15 e 18 anos) com dificuldades de aprendizagem (um deles nem sabia ler) foram colocados ali como peças quebradas de uma indústria, para um reaproveitamento. Possivelmente essas peças não terão o mesmo valor, durabilidade, e zelo que as outras, mas seriam realocadas na sociedade e a elas seria destinadas funções. Mas como realizar boas funções quando se porta problemas crônicos quase ou até mesmo incuráveis?

Quando aqui se fala de angustias, é inevitável falar de algumas conversas entre o estagiário e seus alunos, estagiário e alunos sendo jovens que tinham quase a mesma idade, mas um fazia estágio determinado por um curso superior, outros tentavam concluir o ensino fundamental. Nas conversas travadas, se falava das aspirações futuras para a vida profissional

e pessoal. As aspirações de alguns eram pequenas e sem muitas perspectivas positivas para o futuro, outras eram de grandes perspectivas ansiavam belas oportunidades, que envolviam ensino superior e uma ascensão pessoal. Em ambos os casos gera preocupação, não devemos desmerecer e criticar ao extremo o sistema de ensino, os problemas sociais que cercam esses jovens, mas se faz necessário admitir que eles não vem sendo preparados de maneira eficiente para essas perspectivas positivas. Assim como gera um desconforto a conformidade pelas baixas esperanças, e conformidade que não contribuem para a libertação desses jovens.

A vivência deste estágio faz refletir discursos romantizados que nós licenciandos e futuros professores costumamos reproduzir. Quando expomos que queremos formar os futuros cidadãos, contribuir para o pensamento crítico, a liberdade social. Aplicando estes pensamentos para os alunos da EJA, que cidadão poderíamos ajudar a construir da forma que a educação escolar da EJA se propõe? Enquanto professor como ajudar meus alunos (jovens e adultos) a enfrentar os desafios e dificuldades que eles encontram nos lugares sociais em que estão inseridos? Vejamos aqui o papel que o professor assume, não na responsabilidade de responder a tais questionamentos, mas no dever de possuir uma ação reflexiva a respeito das práticas escolares.

Considerações Finais

As inquietações aqui apresentadas nos faz refletir sobre a EJA enxergando as contradições e ambiguidades presentes nesta modalidade de ensino, que se mostra complexa. E que nos faz pensar que os problemas referentes a escolarização de jovens e adultos enfrentam um descompasso, tendo em vista as ações governamentais que ainda omitem a responsabilidade social e inclusiva que a educação tem ou deveria ter, assim como a acomodação da sociedade civil que acaba por contribuir para o quadro de injustiça social.

De tal modo, somos conhecedores que a educação exige lutas e conquistas contínuas. Sem dúvida é necessário nestas lutas pautar a educação de jovens e adultos. A modalidade de ensino da EJA, que é imprescindível na sociedade, já vem dando ótimas oportunidades aqueles que fazem bom uso da educação que lhes é ofertada, mas é preciso ousar e melhor pensar essa modalidade de ensino, para que se possa construir uma educação de luta para os trabalhadores. Que esse pensar nos ajude a se comprometer com a importância de destinar aos alunos, entre eles os alunos da EJA, a emancipação humana, dando um caráter libertador para os jovens e adultos que buscam a escolarização.

Deste modo através do estágio se conseguiu enxergar, mesmo que de forma bem inicial, o quanto é complexo e mediado por conflitos o espaço escolar, mas ao mesmo tempo, conseguimos compreender este como lócus da produção do conhecimento, da materialização das diversidades e da emancipação dos sujeitos sociais. A educação de jovens e adultos nos mostrou essa diversidade que ainda era pouco conhecida no ambiente escolar e que necessita ser pensada por aqueles que se inserem no espaço escolar e tomam esse espaço como fonte de pesquisa. Imbuído deste entendimento, se partirá para a continuidade dessa pesquisa, que ora apenas se iniciou.

Referências Bibliográficas

KHAOULE, Anna Maria Kovacs. O Estágio Supervisionado na formação do professor de Geografia. In: BENTO, Izabella Peracini; OLIVEIRA, Karla Annabelly Teixeira (orgs.). **Formação de Professores: pesquisa e prática pedagógica em Geografia**. Goiânia: ed. Da PUC Goiás, 2012, p. 57-78.

SERRA, Enio. Políticas de currículo e prática docente em Geografia na Educação de Jovens e Adultos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de (Org.). **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Midia, 2013, p. 151-182.

CIAVATTA, Maria; RUMMERT, Sonia. As implicações de políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 3, n. 111, p. 461-480, abr./jun.2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. acesso em 10 nov. 2016.

PICONEZ, S. C. B. **Educação escolar de jovens e adultos**. Campinas/SP: Papyrus, 2012.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Limo. (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.